

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



RAÇA DE SUÍNOS MOURA

Informações e recomendações



Embrapa

Histórico e Origem do Suíno Moura

A raça Moura é uma raça brasileira resultante da miscigenação de raças ibéricas e asiáticas trazidas pelos primeiros colonizadores, com a contribuição de outras raças introduzidas no país após o final do século XIX, e com a contribuição de outras raças locais simultaneamente em desenvolvimento na região Sudeste (em especial a raça Pereira), o que proporcionou a geração de distintos grupos de seleção da raça Moura, localizados principalmente nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná selecionados para aumento do desempenho e porte, mas mantendo a qualidade da carne e da gordura, consolidando-se em meados do século XX.

O nome MOURA pode estar relacionado à cor dos animais (moura significa “escura” ou “morena”) ou mesmo à influência de porcos de origem mourisca, trazidos pelos portugueses. É também conhecida no Brasil por suíno Estrelense, Estrela, Sarro e outros.

Nos séculos passados esses suínos eram criados “a solta” em propriedades rurais, em sistemas extensivos ou semi-extensivos com a finalidade de contribuir para alimentação proteica e energética das populações rurais locais e para abastecer consumidores em centros urbanos. Os suínos eram valorizados por sua rusticidade, resistência à doenças, habilidade materna e pela qualidade da carne e gordura.

Com o início da agroindústria da transformação (na produção de defumados e extração da banha) a raça Moura se tornou uma das principais raças de importância econômica usada para gerar renda com os excedentes comercializáveis (banha para consumo humano e iluminação pública, carne conservada em lata de banha, toucinho, torresmo e embutidos defumados) passando a abastecer os aglomerados urbanos.

Após a Segunda Guerra Mundial a suinocultura industrial se desenvolveu utilizando raças de crescimento rápido em sistemas confinados e com ração balanceada. Como consequência a raça Moura perdeu importância econômica e ficou esquecida, à beira da extinção. A partir do ano 1985, houveram iniciativas oficiais de conservação genética, especialmente por parte da Universidade Federal do Paraná (Projeto Porco Moura, 1985) com a colaboração financeira e técnica da Embrapa Suínos e Aves. Foram então estabelecidos núcleos genéticos visando manter e estabilizar o padrão racial e reunir exemplares da raça dispersos em criatórios privados na região Sul.

Em 2001 a Embrapa Suínos e Aves absorveu o núcleo genético da UFPR e passou a desenvolver as pesquisas. Ainda em 1990, sob a coordenação da UFPR, a raça foi inscrita no PigBook da ABCS e atualmente compõe a biodiversidade brasileira em genética suína, integrando o leque de opções para nichos de mercado, como produção de carne macia e suculenta em sistemas agroecológicos e produção.

Características raciais



- **Pelagem:** Variada, com coloração geralmente escura (preta ou cinza), podendo ter manchas brancas.
- **Corpo:** Comprido, com peito profundo e traseiro bem desenvolvido.
- **Cabeça:** Grande e larga, com orelhas médias a grandes, frequentemente pendentes.
- **Pele e pelos:** Pele espessa e pelagem rústica, adaptada ao clima subtropical. Porém, no abate os pelos pretos deixam registrados sobre a carcaça os folículos (queratinócitos) visíveis da mesma cor.
- **Pernas:** Fortes, indicativas de rusticidade e boa mobilidade.

Versatilidade e qualidade da carne dos suínos Moura

Cortes nobres como, pernil, costela, paleta e lombo

A carne de suínos Moura é versátil sendo apreciada in natura nos principais cortes, como também processada na forma de embutidos e produtos curados e atualmente tem a preferência dos restaurantes especializados e dos consumidores experientes. Por este motivo essa carne é valorizada em mercados de produtos agroecológicos, orgânicos e de cadeias curtas.

Qualidade da carne e processamento

A carne apresenta pH final ideal (entre 5,7 e 6,0) quando avaliado 24 horas após abate, e assim contribui para melhoria no processamento, conservação, coloração e sabor. A carne tem coloração mais escura, visualmente atrativa para cortes especiais.

Marmorização elevada

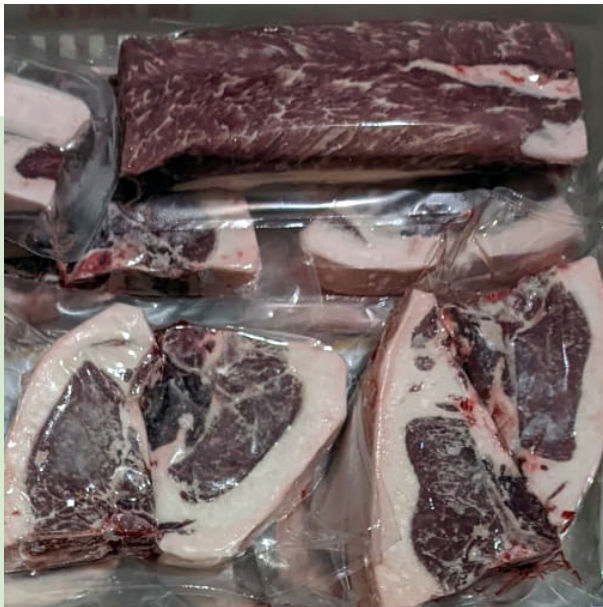
Em pesquisas efetuadas na Embrapa (Figueiredo et al. 2023) a carne dos suínos Moura apresentou mais gordura intramuscular e menor perda por gotejamento do que a carne dos suínos de cruzamento industrial, características essas relacionadas com suculência e sabor diferenciados.

Sabor e aroma marcantes

A carne da genética Moura é valorizada na gastronomia por seu sabor peculiar característico e aroma agradável. Em função do perfil característico em ácidos graxos, a gordura contribui para uma sensação amanteigada e suculenta na boca.

Ideal para produtos artesanais, como salames, copas, linguiças, bacon e presuntos curados

A gordura firme e o equilíbrio entre carne e gordura favorecem a cura e o sabor.



Outras características do suíno da raça Moura

Boa rusticidade e resistência à doenças

Naturalmente mais resistente à doenças em comparação com outras raças comerciais, é bem adaptada à diferentes condições climáticas e de manejo, como sistemas semi-intensivos de baixo custo, em que se utilizam recursos locais (do tipo agroecológicos) e de base familiar do sul do Brasil.

Longevidade produtiva

Em condições adequadas de criação a raça mantém desempenho reprodutivo e produtivo por várias parições.



Alimentação

Animais de abate da raça sob nutrição balanceada podem ter boa parte da alimentação composta por ingredientes alternativos, pastagem adequada e de boa qualidade e resíduos da produção agrícola.

Excelente habilidade materna

Fêmeas muito protetoras e com boa produção de leite.

Produto diferenciado e valorizado

Os produtos gerados no abate e na industrialização da carne podem atender nichos de mercado que valorizam a qualidade e origem e, também integrar a culinária especializada em regiões com aptidão para o turismo.

Importância para a biodiversidade

A raça Moura contribui para a diversidade genética da suinocultura brasileira. Possui livro de registro genealógico na Associação Brasileira de Criadores de Suínos-ABCS, sendo selecionada em duas Granjas de Reprodutores Suínos Certificadas –GRSC, que fornecem reprodutores com registro genealógico e controle de pedigree. Importância essa fortalecida pela atuação dos produtores organizados e das instituições (UFPR, UFSC, EMBRAPA-Projeto REGEN).

Indicação geográfica (IG) e valorização cultural

A raça Moura está vinculada à história do sul do Brasil e por sua importância econômica no passado foi reconhecida como patrimônio imaterial do estado do Paraná em Lei específica da ALPR. Atualmente atende alguns dos princípios gerais da IG que são a especificidade, a reputação e a identidade, porém ainda falta a construção dos princípios de controle e de legitimidade.

Recomendações Básicas de Manejo para Matrizes da Raça Moura

Alojamento e adaptação das leitoas

- Alojamento em baias limpas e desinfetadas ou em piquetes com boa cobertura de grama.
- Densidade de 1,8 a 2,0 m²/leitoa em sistema confinado, ou 800 metros quadrados por matriz no sistema de criação de suínos ao ar livre, dividida em dois piquetes, cuja ocupação deve ocorrer de forma alternada. Ver recomendações de manejo em piquetes descritas no SISCAL desenvolvido pela Embrapa Suínos e Aves.
- Em sistema confinado alojamento em lotes não superior a 8 leitoas por baia, e em sistema ao ar livre utilizar o mesmo número de leitoas por lote, sempre distante das baias ou piquetes dos cachaços.
- Fornecer uma ou duas pás de fezes de porcas adultas em cada baia ou cada piquete, a partir de 180 dias de idade, durante 20 dias, ou colocar em contato com os suínos da propriedade a fim de adaptar a leitoa à flora microbiana da criação.

Alimentação das porcas

- Fornecer 2,5 Kg de ração de crescimento até duas semanas antes da cobertura.
- Duas semanas antes da cobertura fornecer ração de lactação à vontade (flushing).
- Após a cobertura fornecer 1,8 Kg de ração de gestação até o 85º dia de gestação.
- Do 86º gestação até a transferência para a maternidade fornecer 2,3 Kg de ração de gestação.
- Na maternidade fornecer 2,3 Kg de ração de lactação reduzindo 1,0 Kg por dia a partir de 111 dias de gestação até o parto.
- No dia do parto fornecer apenas água à vontade.
- Após o parto voltar a fornecer ração de lactação no dia seguinte ao parto, sendo no 1º dia 1,0 Kg de ração de lactação, no 2º dia 2,0 Kg de ração de lactação, no 3º dia fornecer 3,0 Kg de ração e a partir do quarto dia fornecer 2,0 kg para a manutenção da porca + 500 gramas para cada leitão vivo de ração de lactação até o desmame.
- Após o desmame até a próxima cobertura fornecer ração de lactação a vontade.

Sugestão de fórmulas de ração para as diferentes fases de produção

As fórmulas apresentadas são características para um sistema tradicional de produção e são indicadas para os manejos da alimentação (quantidades de ração) para leitoas e porcas que estão recomendados no item anterior. Em sistema de produção orgânica o uso de ingredientes transgênicos na ração de suínos é vedado conforme as instruções normativas do Mapa.

Muito importante sempre seguir as recomendações do fabricante da pré-mistura ou núcleo. Alimentos alternativos podem ser utilizados, mas preferencialmente nas fases de gestação, crescimento e terminação.

FÓRMULAS DE RAÇÃO SUGERIDAS POR FASE DO ANIMAL						
Ingredientes	Pré-Inicial	Inicial	Crescimento	Terminação	Gestação	Lactação
Milho	50	65	72	77	58	64
Farelo de soja	25	30	25	20	14	25
Farelo de trigo					25	8
Pré-mistura Inicial 25	25					
Pré-mistura Inicial 5		5				
Pré-mistura Crescimento			3			
Pré-mistura Terminação				3		
Pré-mistura Lactação						3
Pré-mistura Gestação					3	
Total Kg	100	100	100	100	100	100

Manejo pré-cobertura das leitoas

- Estimular o cio a partir de 180 dias de idade.
- Colocar a leitoa em contato direto com o cachaço uma vez ao dia, durante 20 minutos pela parte da manhã.
- Utilizar cachaço adulto, acima de 10 meses de idade, dócil e com bom apetite sexual para estimular o cio das leitoas.
- Leitoas que não entrarem em cio até 220 dias devem ser descartadas.

Fatores a considerar na primeira cobertura da leitoa

As leitoas atingem a maturidade sexual por volta dos 5 a 6 meses de idade, mas é recomendado aguardar até 8 meses de idade para acasalar ou inseminar para garantir melhor desenvolvimento corporal e reprodutivo. O peso acima de 115 kg garante que a leitoa tenha reservas corporais suficientes para suportar a gestação e a primeira lactação, além de contribuir para melhor desempenho reprodutivo ao longo da vida. Também evita problemas reprodutivos (como partos difíceis ou baixa produção de leite), reduz o risco de abortos e mortalidade de leitões e melhora a taxa de desmame e desenvolvimento dos leitões. Considerar então para melhor reprodução acasalar após o 3º cio, após os 240 dias de idade e com peso vivo acima de 115 kg.

Protocolo de cobertura/Inseminação

PROTOCOLO DE MONTA NATURAL			
Momento da cobertura	Diagnóstico do cio 2 vezes ao dia		
	INÍCIO CIO	PORCA	LEITOA
	0 hora		●
1ª cobertura	12 horas	●	
	24 horas		●
2ª cobertura	36 horas	●	
3ª cobertura se cio forte	48 horas	● cio forte	

Vacinações

A vacinação é um pilar fundamental para o sucesso e a sustentabilidade da suinocultura pois oferece múltiplos benefícios, impactando diretamente a saúde dos animais, a produtividade da granja e a rentabilidade do negócio.

Em um cenário onde as doenças infecciosas representam uma ameaça constante, a vacinação surge como a ferramenta mais eficaz para prevenir surtos e reduzir a incidência de enfermidades, melhora da saúde e bem-estar animal.

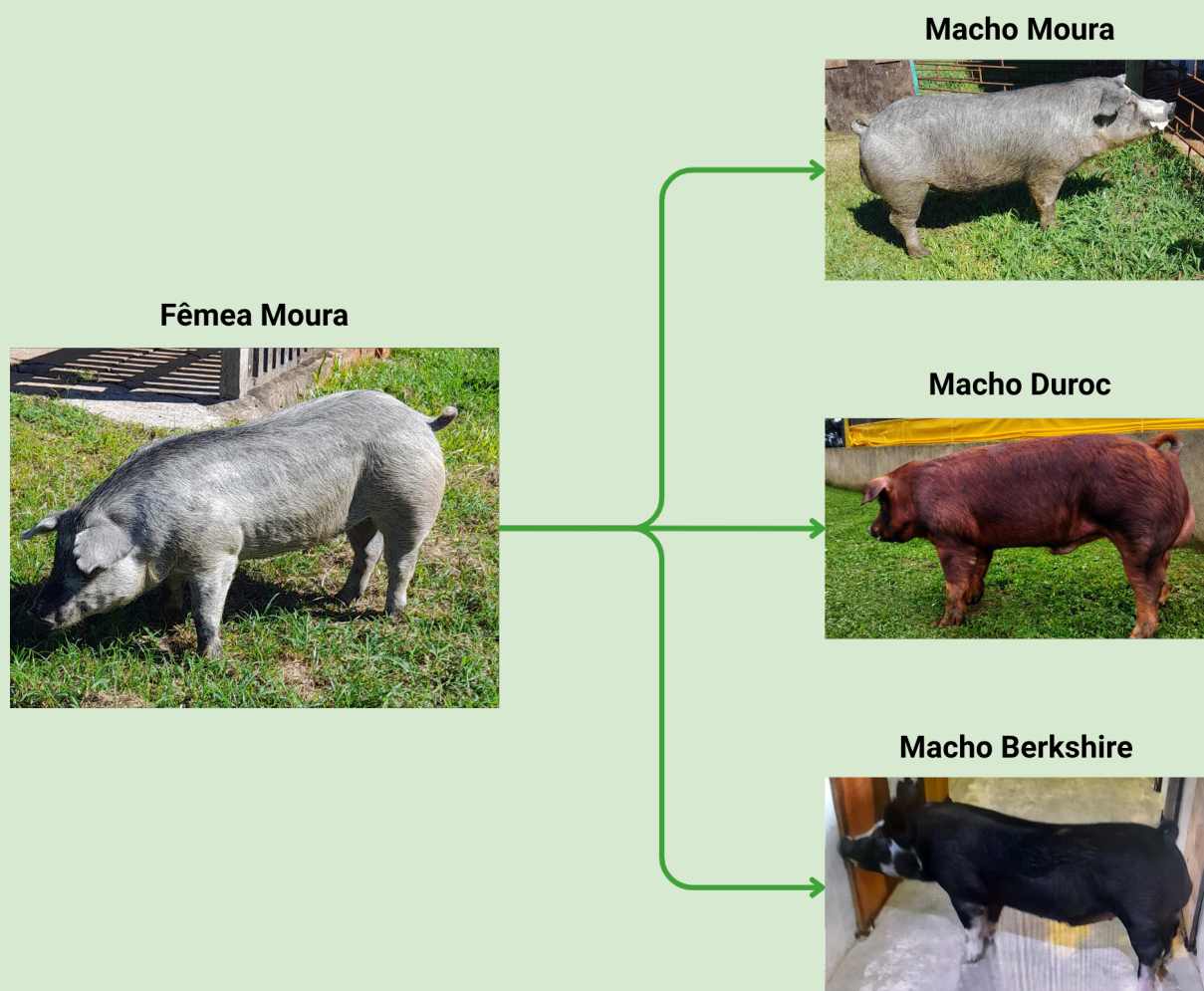
É crucial ressaltar que a eficácia da vacinação depende de um manejo adequado. Isso inclui a escolha das vacinas corretas para os desafios sanitários específicos de cada granja, o armazenamento e a aplicação conforme as recomendações do fabricante, e o acompanhamento veterinário constante para ajustar o programa vacinal conforme necessário.

SUGESTÃO DE PROTOCOLO DE VACINAÇÃO				
Doença	Leitoas de reposição	Porcas	Cachaços	Leitões
Rinite Atrófica	2 doses: 1ª dose aos 70 dias de gestação e 2ª dose aos 90 dias de gestação	1 dose aos 90 dias de gestação	1 dose a cada 6 meses	Não vacinar
Colibacilose Clostridiose	2 doses: 1ª dose aos 70 dias de gestação e 2ª dose aos 90 dias de gestação	1 dose aos 90 dias de gestação	Não vacinar	Não vacinar
Parvovirose, erisipela e leptospirose	2 doses com intervalo de 3 a 4 semanas, sendo a 2ª dose cerca de 30 dias antes da primeira cobertura	1 dose entre 10 a 15 dias pós parto	1 dose a cada 6 meses	Não vacinar
Pneumonia enzoótica (<i>Mycoplasma hyopneumoniae</i>)	1 dose na seleção ou 180 dias	Não vacinar	Não vacinar	Geralmente entre 21 e 28 dias de vida, com uma ou duas doses, dependendo da vacina e do desafio
Circovirose	1 dose na seleção ou 180 dias	Não vacinar	Não vacinar	Geralmente entre 21 e 28 dias de vida, com uma ou duas doses, dependendo da vacina e do desafio

Este protocolo é um ponto de partida. A discussão com seu **veterinário de confiança** é crucial para adaptar o programa à realidade da sua granja e otimizar os resultados.

Sugestão de cruzamentos

Para produzir suínos de abate visando a manutenção da máxima qualidade da carne as fêmeas Moura também podem ser utilizadas em cruzamentos com reprodutores das raças Duroc e Berkshire.



Esta tecnologia está associada com os objetivos 2- Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Meta 2.3 - Até 2030, dobrar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos, particularmente das mulheres, povos indígenas, agricultores familiares, pastores e pescadores, inclusive por meio de acesso seguro e igual à terra, outros recursos produtivos e insumos, conhecimento, serviços financeiros, mercados e oportunidades de agregação de valor e de emprego não agrícola; e 9 - Indústria, Inovação e Infraestrutura - dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável no indicador 9.3.1 - Proporção do valor adicionado das empresas de “pequena escala” no total do valor adicionado da indústria, na medida em que a inovação permite aos pequenos produtores rurais criarem suas microempresas que agregam valor às matérias primas da propriedade transformando-as em carne de qualidade para restaurantes e churrascarias e produtos elaborados como linguiças, salames, costelas defumadas, presuntos curados para a indústria de alimentos.

Referência

FIGUEIREDO, E. A. P. de; BERTOL, T. M.; DALLA COSTA, O. A.; LIMA, G. J. M. de; COLDEBELA, A. Efeito do genótipo da porca sobre as características de carcaça e da carne dos terminados: Effect of sow genotype on pork carcass and meat traits. Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, v. 6, n. 2, p. 969-984, 2023c. Doi: <https://doi.org/10.34188/bjaerv6n2-004>

Agradecimentos

Nilson Woloszyn - Técnico da Embrapa Suínos e Aves

Elaborado por:
Elsio Antonio Pereira de Figueiredo
Vitor Hugo Grings

Fotos:
Clairton Neves Nascimento
Nilson Woloszyn
Vitor Hugo Grings

Embrapa Suínos e Aves
Rodovia BR 153 - KM 110
Caixa Postal 321, CEP 89.715-899, Concórdia/SC
Fone: (49) 3441 0400 | Fax: (49) 3441 0497
www.embrapa.br
www.embrapa.br/fale-conosco/sac



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA E
PECUÁRIA

